

Exame citopatológico em mulheres rurais

Pap test in rural women

Prueba de Papanicolaou en mujeres rurales

Recebido: 04/04/2023 | Revisado: 24/04/2023 | Aceitado: 24/04/2023 | Publicado: 28/04/2023

Alessandra Seghetto Hilario

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4092-995X>
Universidade do Vale do Taquari, Brasil
E-mail: alessandra.hilario@universo.univates.br

Paula Michele Lohmann

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8429-9155>
Universidade do Vale do Taquari, Brasil
E-mail: paulalohmann@univates.br

Eliane Lavall

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6439-2117>
Universidade do Vale do Taquari, Brasil
E-mail: eliane.lavall@univates.br

Aline Patricia Brietzke

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8320-752X>
Universidade do Vale do Taquari, Brasil
E-mail: aline.brietzke@univates.br

Resumo

O Ministério da Saúde recomenda que toda mulher que tem ou já teve atividade sexual deve se submeter a exame preventivo periódico (citopatológico - CP). O objetivo deste estudo foi descobrir o que poderia ser um impedimento para as mulheres rurais de um município pequeno no interior do estado do Rio Grande do Sul de realizar o exame. Foi realizada uma pesquisa qualiquantitativa exploratória e de campo, com questionários individuais com perguntas abertas e fechadas. Foram incluídas 75 mulheres que moram na zona rural que não realizaram o exame citopatológico há mais de um ano. A pesquisa seguiu os preceitos da Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Os dados quantitativos foram distribuídos em frequências. E os dados qualitativos foram categorizados. Das 75 mulheres entrevistadas, 52% realizaram coleta de CP a cada 2 anos e a minoria, 38,75% nunca realizou este exame. Este número mostra que esta é uma pequena parcela de mulheres de um município com mais de 11.000 (onze mil) habitantes. Porém vale a pena mencionar que grande parte destas são moradoras mais distantes das Estratégias da Saúde da Família (ESF). Concluímos que as mulheres que nunca realizaram o exame de CP são aquelas que moram em regiões mais distantes na área rural, que não possuem meio de transporte próprio e são de baixa renda. Dessa forma, as intervenções de enfermagem visam o incentivo ao exame de CP mesmo nas áreas mais remotas para aumentar as chances de cura.

Palavras-chave: Prevenção primária; Enfermeiros; Saúde da mulher.

Abstract

The Ministry of Health recommends that every woman who has or has had sexual activity should undergo periodic preventive examination (cytopathological - CP). The objective of this study was to find out what could be an impediment for rural women in a small municipality in the interior of the state of Rio Grande do Sul to take the exam. An exploratory and field qualitative and quantitative research was carried out, with individual questionnaires with open and closed questions. Seventy-five women living in rural areas who had not undergone the cytopathological examination for more than a year were included. The research followed the precepts of Resolution 466/2012, of the National Health Council. Quantitative data were distributed into frequencies. And the qualitative data were categorized. Of the 75 women interviewed, 52% performed CP collection every 2 years and the minority, 38.75% never performed this exam. This number shows that this is a small portion of women in a municipality with more than 11,000 (eleven thousand) inhabitants. However, it is worth mentioning that most of these live farther from the Family Health Strategies (ESF). We conclude that women who have never taken the PC exam are those who live in more distant regions in the rural area, who do not have their own means of transport and are low-income. Thus, nursing interventions aim to encourage the examination of PC even in the most remote areas to increase the chances of cure.

Keywords: Primary prevention; Nurses; Women's health.

Resumen

El Ministerio de Salud recomienda que toda mujer que tenga o haya tenido actividad sexual debe someterse a exámenes preventivos periódicos (citopatológicos - CP). El objetivo de este estudio fue averiguar cuál podría ser un impedimento para que las mujeres rurales de un pequeño municipio del interior del estado de Rio Grande do Sul hicieran el examen.

Se realizó una investigación cualitativa y cuantitativa exploratoria y de campo, con cuestionarios individuales con preguntas abiertas y cerradas. Se incluyeron 75 mujeres residentes en zonas rurales que no se habían realizado el examen citopatológico desde hace más de un año. La investigación siguió los preceptos de la Resolución 466/2012, del Consejo Nacional de Salud. Los datos cuantitativos se distribuyeron en frecuencias. Y los datos cualitativos fueron categorizados. De las 75 mujeres entrevistadas, el 52% realiza toma de CP cada 2 años y la minoría, 38,75% nunca realizó este examen. Este número muestra que se trata de una pequeña porción de mujeres en un municipio de más de 11.000 (once mil) habitantes. Sin embargo, vale la pena mencionar que la mayoría de estos viven más lejos de las Estrategias de Salud de la Familia (ESF). Concluimos que las mujeres que nunca han realizado el examen de PC son aquellas que viven en regiones más alejadas de la zona rural, que no cuentan con medio de transporte propio y son de escasos recursos. Así, las intervenciones de enfermería tienen como objetivo fomentar el examen de CP incluso en las áreas más remotas para aumentar las posibilidades de curación.

Palabras clave: Prevención primaria; Enfermeras; La salud de la mujer.

1. Introdução

O exame Citopatológico Cervicovaginal (CP), também denominado de Papanicolau, tem uma grande aceitabilidade para o rastreamento do Câncer do Colo do Útero (CCU) por sua rapidez e simplicidade, sendo um método amplamente utilizado. O Brasil foi um dos primeiros países a implantar o exame CP, porém, o CCU ainda é um grave problema na saúde pública, sendo que estudos realçam o aumento da frequência de lesões intra-epiteliais cervicais em adolescentes no país (Noé et al., 2018). O CP deve ser feito a cada ano. Se dois exames anuais seguidos apresentarem resultado negativo para displasia ou neoplasia, o exame pode passar a ser feito a cada três anos. O Ministério da Saúde recomenda que toda mulher que tem ou já teve atividade sexual deve se submeter a exame preventivo periódico, especialmente dos 25 aos 64 anos de idade (Lopes et al., 2021).

O trabalho nas unidades de Atenção Primária à Saúde chamada de estratégias de saúde da família é a porta de entrada do paciente no sistema único de saúde, espaço de prevenção, promoção, diagnóstico e tratamento de saúde no qual uma equipe multiprofissional é responsável por um quantitativo de pessoas e famílias. O CCU é o segundo tipo de câncer mais frequente entre as mulheres, com aproximadamente 500 mil casos novos por ano no mundo, sendo responsável pelo óbito de, aproximadamente, 230 mil mulheres por ano. Sua incidência é cerca de duas vezes maior em países menos desenvolvidos quando comparada aos países mais desenvolvidos. Sua incidência evidencia-se na faixa etária de 20 a 29 anos e o risco aumenta rapidamente até atingir seu pico, geralmente na faixa etária de 45 a 49 anos (Moreira et al., 2018).

As lesões que antecipam o câncer de colo de útero não têm sintomas, mas são descobertas através do exame citopatológico e se diagnosticado no início as chances de cura são muito altas. Este exame é de baixo custo e fácil execução e disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde. É importante que toda mulher seja consciente de que o exame citopatológico seja realizado periodicamente para representar uma estratégia de rastreamento. Entretanto as atividades dos profissionais da saúde são fundamentais para prevenção do câncer do colo de útero. Recomenda-se a realização do CP por mulheres na faixa etária entre 25 a 64 anos que têm ou já tiveram vida sexual ativa, com intervalo de três anos após dois exames anuais negativos. As infecções que surgem antes dos 25 anos regredem, na maioria das vezes, naturalmente, por serem lesões de baixo grau. Já a ocorrência do CCU eleva-se entre as mulheres de 50 e 60 anos de idade (Azevedo et al., 2020).

O enfermeiro tem fundamental participação no exame da mulher rural para prevenção do CCU, o retorno dessas nas próximas consultas e na adesão às práticas adequadas de prevenção. A consulta de enfermagem ginecológica poderá ser uma oportunidade ímpar para investir no acolhimento, na empatia, no diálogo, na educação em saúde em prol de um cuidado solícito, humano e singular. Apesar de evidenciado um número considerável de mulheres que apresentaram prática adequada, devem-se reforçar estratégias com o propósito de aumentar a aderência ao exame, investindo na qualificação do sistema de saúde, e, assim, diminuir os dados de morbimortalidade por CCU (Azevedo et al., 2020).

Sendo assim, a realização deste estudo fundamenta-se na contribuição para o planejamento de ações preventivas ao câncer do colo do útero na Atenção Básica à Saúde, reduzindo fatores que tornam a cobertura insuficiente às mulheres residentes

na zona rural. A pesquisa ainda pretende contribuir para ampliação da efetividade do exame, baseado na acessibilidade, compreensão e sensibilização de mulheres sobre o exame citopatológico. Diante disso, o estudo objetivou descobrir qual motivo estava impedindo as mulheres rurais de irem realizar o exame citopatológico em um município do Rio Grande do Sul. Além disso, buscou-se identificar a porcentagem de mulheres que não estão realizando o exame e informar a população feminina sobre a importância deste exame.

2. Metodologia

Trata de um estudo tipo transversal, exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa (Fontelles et al., 2009) e qualitativa (Bardin, 2016), com questionários individuais com perguntas abertas e fechadas de simples escolha direcionado a mulheres rurais do município do interior do estado de RS onde segundo dados do IBGE (2021) a população estima-se estar com 10.181 habitantes. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética Institucional, sob parecer no 5.548.329, e foram obedecidas as normas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) no 466, de 12 de dezembro de 2012, para pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012).

Para responder à questão do presente estudo, foram incluídas na coleta de dados 75 mulheres que moravam na zona rural do município e que por algum motivo não realizaram o exame citopatológico há mais de uma ano. Foram excluídas as mulheres que não falavam a língua portuguesa.

Após o projeto ser aprovado pela Secretaria Municipal de Saúde do Município, as Enfermeiras da Estratégias da Saúde da Família (ESF) foram contactadas para verificar quais mulheres estavam faltando na coleta de CP. Foi realizado contato telefônico previamente com estas mulheres para convidar para participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada no mês de julho até outubro de 2022, por meio de entrevistas semi-estruturadas presencialmente com as enfermeiras das unidades de saúde.

Após o aceite e assinatura do termo de consentimento livre esclarecido, a pesquisa foi realizada in loco, e os participantes responderam às perguntas que atendiam ao objetivo do estudo, sendo quatro (4) perguntas fechadas e quatro (4) abertas.

Os dados qualitativos coletados foram analisados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016), sendo que estes foram coletados, transcritos e reunidos por pontos focais compatíveis. As categorias temáticas originaram-se por meio dos pontos focais que buscaram apresentar os resultados e suas respectivas discussões. Os dados quantitativos foram inseridos e organizados em um banco de dados criado no programa Microsoft Excel for windows 7® e posteriormente analisados. As variáveis quantitativas contínuas foram descritas pela média e desvio padrão, e as variáveis categóricas descritas pela frequência absoluta e relativa.

3. Resultados e Discussão

Nesta seção serão apresentados os resultados e discussões inerentes a esse estudo. Participaram desta pesquisa 75 mulheres com idades de 18 a 62 anos. Na pesquisa observou-se que um bom percentual de mulheres realiza o exame periodicamente a cada 03 anos ou mais. Os resultados mostram que das 75 mulheres entrevistadas (E), 17 nunca realizaram o exame, o qual é disponibilizado pelo SUS. Este número mostra que esta é uma pequena parcela de mulheres de um município com mais de 10.836 habitantes. Portanto, vale a pena mencionar que grande parte destas que nunca realizaram o exame, são moradoras mais distantes das ESFs, e é provável afirmar que mais mulheres nunca realizaram o exame dentro do território municipal.

As informações são apresentadas por meio de categorias temáticas referentes às mulheres entrevistadas (E) ao exame preventivo do colo do útero. Sendo a primeira intitulada "*Sentir desconforto durante o exame*" sendo preconizada a descrição

das mulheres à luz de autores. A segunda categoria foi nomeada “*A importância do enfermeiro na orientação às mulheres*” onde se descreve as orientações sobre a importância do exame preventivo. E a terceira categoria “*Dificuldades enfrentadas pelas mulheres*”.

3.1 “Sentir desconforto durante o exame”

Nesta categoria serão apresentados os resultados e discussões inerentes às percepções das gestantes à luz de autores, de forma que o leitor identifique como se encontra o cenário de atuação da enfermagem no seguimento do exame preventivo do colo do útero.

Por meio de análise de questionários foi possível identificar que todas as mulheres mencionaram algum tipo de constrangimento ao realizar o exame, mas preferem fazer o exame mesmo assim, para evitar uma complicação. A maioria das mulheres relatam não sentir desconforto ao realizar com profissional do sexo feminino.

Eu tenho vergonha sim, mas prefiro passar vergonha do que descobrir um problema mais sério. (E71)

Prefiro que seja uma profissional mulher, me sinto mais confortável. (E24)

Eu nunca realizei esse exame, por falta de informação e vergonha. (E67)

Conforme os agentes comunitários de saúde e os enfermeiros, importantes barreiras de acesso ao exame preventivo estavam relacionadas à percepção de necessidade e desejo pelo cuidado, ao receio que algumas mulheres tinham em realizá-lo por desconhecimento e tabus, imposições misóginas do cônjuge, pudor da exposição do corpo (posição de litotomia) ou, ainda, por conta de idade ou gênero do profissional. Tais achados, por vezes, são recorrentes a estudos e reafirmam a competência cultural dos profissionais como atributos certos, por meio do reconhecimento de diferentes necessidades dos grupos populacionais, suas características étnicas, raciais e culturais, a entender suas representações dos processos saúde-enfermidade (Fernandes et al., 2019).

A dificuldade de acesso à (capital) centros especializados para fazer exames e falta de especialistas pioram este cenário. “Casos são subnotificados – a maioria morre sem diagnóstico”, alerta ginecologista: “É inaceitável termos 23 mulheres morrendo por mês de câncer de colo uterino no Amazonas. É o que eu chamo de tragédia evitável” (Instituto vencer o câncer, 2020b). Neste mesmo texto, a médica ginecologista há 29 anos da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (FCecon) alerta que em 2017, 293 mulheres morreram no estado pelo tumor; em 2018 foram 289 vítimas fatais da doença e em 2019, até outubro, o estado já somava 229 mortes pelo câncer de colo de útero. E a maioria nunca fez sequer um exame e morre sem diagnóstico.

O exame de Papanicolau consiste em colher células da ectocérvice com a espátula de Ayre e da endocérvice com a escova cervical, após a exposição do colo uterino com o espéculo. O material é colocado em lâmina transparente de vidro com uma parte fosca e identificado com dados da usuária e após a coleta é feita a fixação do esfregaço com álcool a 96% ou com spray de polietilenoglicol. A lâmina é encaminhada ao laboratório, onde é corada e levada ao microscópio para identificação de células esfoliadas, atípicas, malignas ou pré-malignas. O exame não é doloroso, mas, causa certo desconforto, variando em conformidade com a sensibilidade individual de cada paciente. Para sua realização, a mulher deve ser previamente orientada nas 48 horas que antecedem o exame, não podendo manter as relações sexuais, não utilizar duchas vaginais, medicamentos ou exames intravaginais. Além disso, o exame deve ser realizado fora do período menstrual, pois o sangue dificulta a leitura da lâmina, podendo até tornar o esfregaço inadequado para o diagnóstico citopatológico (Ribeiro & Cardoso, 2019).

As mulheres também responderam com qual profissional preferem realizar o exame, se com Enfermeiro ou Médico. A maioria (56%) prefere realizar o exame com Enfermeiro. Dessa forma, o Enfermeiro deverá estar dotado dos conhecimentos,

competências e habilidades que garantam rigor técnico-científico ao procedimento, atentando para a capacitação contínua necessária à sua realização (COFEN, 2015).

Só faço se for com uma enfermeira. (E38)

Tenho preferência que seja realizado por uma enfermeira. (E14)

Prefiro realizar com a médica. (E09)

O Controle do câncer do colo do útero necessita de ações referentes à promoção e educação em saúde da saúde, prevenção da doença e qualidade de vida. O enfermeiro é uma peça fundamental nesse processo, sendo ele responsável pelas ações importantes como visitas domiciliar e consulta de enfermagem de forma integralizada e humanizada, norteadas cada procedimento da coleta do exame citopatológico, concretizando assim para um bom atendimento a mulheres da unidade básica de saúde, com encaminhamento adequado às mulheres que apresentarem alterações citológicas, passando informações necessárias a essa população feminina, trabalhando na prevenção e descoberta precoce do câncer uterino (Nóbrega et al., 2016).

3.2 “A importância do enfermeiro na orientação às mulheres”

O tempo de atendimento na zona rural, de acordo com enfermeiros e agentes comunitários de saúde, ficava concentrado num pequeno número de usuárias, num único turno. Até porque, as mulheres de áreas mais remotas frequentavam a USF, especialmente, pela manhã, por conta da maior disponibilidade de transporte. E em época de férias escolares é mais comum o absenteísmo por ausência do transporte escolar. Bem como em períodos de plantio/colheita, as trabalhadoras do campo também reduzem a assiduidade às consultas (Fernandes et al., 2019).

No âmbito da equipe de Enfermagem, a coleta de material para colpocitologia oncótica pelo método de Papanicolau é privativa do Enfermeiro, observadas as disposições legais da profissão. O enfermeiro deverá estar dotado dos conhecimentos, competências e habilidades que garantam rigor técnico-científico ao procedimento, atentando para a capacitação contínua necessária à sua realização (COFEN, 2015).

O fato de ser um exame que expõe a intimidade feminina e com esta, valores e crenças, muitos são os sentimentos vivenciados pela mulher durante este exame. Sentimentos como vergonha, medo e nervosismo são alguns referidos por clientes que são submetidas ao exame. Para minimizar tais sentimentos e promover conforto para a paciente, considera-se o respeito à privacidade uma atitude essencial. Ao orientar a paciente a trocar de roupa atrás da cortina ou biombo, ou no banheiro do consultório, oferecendo-lhe avental, e ao cobri-la adequadamente com lençol durante o exame físico e/ou ginecológico, os profissionais agem com uma atitude ética de respeito à privacidade das mulheres (Eduardo et al, 2007).

Outro fato importante a citar é a contribuição dos estudos de linguistas feministas, que trata a linguagem como parte essencial da produção científica crítica elaborada pelas mulheres. Meneghel & Andrade (2019) atribuem a mudança de concepção de linguagem, e mostra o quanto as conversas têm papel decisivo na constituição de pessoas enquanto sujeitos generificados, realizando um trabalho performativo de gênero, em que a todo momento as pessoas precisam reafirmar suas identidades (Meneghel & Andrade, 2019).

Questões como essas devem ser mais bem trabalhadas pelos profissionais de saúde, no sentido de preparar psicologicamente a mulher, durante o acolhimento, devendo ser discutidas de acordo com cada cultura, respeitando a sexualidade feminina, evitando, assim, bloqueio na esfera da subjetividade (Jorge et al, 2011).

A enfermeira me passa segurança durante o procedimento, por isso prefiro uma mulher. (E04)

É de extrema importância o conhecimento da enfermagem na orientação de nós mulheres. (E31)

Assumir que a relação entre profissionais e pacientes ou usuários é eminentemente interacional significa que debruçar-se sobre estas conversas permite alargar a compreensão sobre os “fazeres” das práticas clínicas e de atenção à saúde (Meneghel & Andrade, 2019).

O enfermeiro tem um papel fundamental na orientação de saúde para a mulher pois desenvolve na prática assistencial a educação em saúde e assistência adequada, eficaz e humanizada (Rodrigues et al., 2021). Essas características reafirmam a imagem deste profissional sendo muito próximo do ser humano, acolhendo de forma digna e humanitária, tomando os sofrimentos como verdade nos mais diversos aspectos da vida da mulher e respeitando seus direitos. E dessa forma, atrelado ao guia da política nacional de atenção básica do Ministério da Saúde, o vínculo criado entre este profissional e a mulher é ferramenta principal para desenvolver a atenção primária em saúde (Brasil, 2018).

3.3 "Dificuldades enfrentadas pelas mulheres"

Conforme ACS e enfermeiros, importantes barreiras de acesso ao preventivo estavam relacionadas à percepção de necessidade e desejo pelo cuidado, ao receio que algumas mulheres tinham em realizá-lo por desconhecimento e tabus, imposições misóginas do cônjuge, pudor da exposição do corpo (posição de litotomia) ou, ainda, por conta de idade ou gênero do profissional.

O Ministério da Saúde discorre que o agente comunitário de saúde deve conhecer a importância da realização do exame de Papanicolau como estratégia segura e eficiente para prevenção e diagnóstico precoce de câncer de colo de útero, bem como procurar integrar a equipe à população, mantendo uma rede de comunicação, destacando principalmente as situações de risco. Este profissional deve entrar em contato permanente com a família, desenvolvendo ações de acordo com o planejamento da equipe de saúde e realizar a busca ativa para que as mulheres se submetam ao exame preventivo. Por isso, o fato de o agente comunitário não ter sido sequer citado causa estranheza, pois o rastreamento para esse tipo de exame é uma das funções desse profissional (Andrade et al., 2013).

Me sinto envergonhada e acabo não fazendo o exame. (E02)
Eu nunca fiz o preventivo e nem a mamografia. (E75)

Tais achados, por vezes, são recorrentes a estudos e reafirmam a competência cultural dos profissionais como atributos certos, por meio do reconhecimento de diferentes necessidades dos grupos populacionais, suas características étnicas, raciais e culturais, a entender suas representações dos processos saúde-enfermidade (Fernandes et al., 2019).

O exame não é doloroso, mas, causa certo desconforto, variando em conformidade com a sensibilidade individual de cada paciente. Para sua realização, a mulher deve ser previamente orientada nas 48 horas que antecedem o exame, não podendo manter as relações sexuais, não utilizar duchas vaginais, medicamentos ou exames intravaginais. Além disso, o exame deve ser realizado fora do período menstrual, pois o sangue dificulta a leitura da lâmina, podendo até tornar o esfregaço inadequado para o diagnóstico citopatológico (Ribeiro et al., 2019).

Dias et al. (2018) referem em seu estudo que outro fator que poderia comprometer a adesão das mulheres ao exame preventivo CP está relacionado a exposição do seu corpo no momento do exame e remeter a sentimentos de vergonha e medo, aflorando sentimento negativos e gerando conflitos internos. Além disso, algumas mulheres relatam sensibilidade na parte íntima, desconforto e dor ao realizarem o exame, sendo o exame e a espera pelo resultado um período que desperta sentimentos negativos para a prática preventiva do câncer de colo do útero (Dias et al., 2018).

Há também fatores que influenciam a não realização do exame de coleta de CP como a dificuldade no agendamento do exame, com baixa flexibilidade de horários e burocratização. Além da falta de informação sobre a periodicidade adequada para

a realização do exame. Mulheres que trabalham em horário comercial têm dificuldades no agendamento do exame citopatológico devido à baixa flexibilidade de horários. Muitas mulheres não têm conhecimento da importância do exame e para qual finalidade ele serve, a falta de comunicação efetiva transmitido na hora da realização do exame gera descontentamento nas mulheres gerando frustrações que podem levar estas mulheres a não realizarem mais o exame periodicamente. Dessa forma, é preciso uma boa comunicação e transmissão de conhecimento para a usuária nos dois momentos, na realização do exame e na entrega do resultado (Dalazoana et al., 2022).

4. Considerações Finais

A principal contribuição do estudo foi dar uma maior visibilidade a o público alvo que deve realizar o exame citopatológico mulheres entre 18 a 64 anos anos. Foi identificado que 52% (36) mulheres realizaram coleta de CP a cada 2 anos, 42,5% (22) a cada 3 anos ou mais e a minoria, 38,7% (17) nunca realizou exame. Nesta pesquisa foram entrevistadas 75 mulheres, uma pequena porcentagem de 5.254 - número aproximado de mulheres que residem no município, isso é equivalente a 1.42%.

A Partir disso podemos concluir que ainda tem muitas mulheres que nunca realizaram o exame, aquelas que moram em regiões mais distantes, que não possuem meio de transporte próprio e principalmente mulheres de baixa renda e vulneráveis. Faz parte do papel do enfermeiro levar informações para essas mulheres que têm residência distante do serviço de saúde através de visitas domiciliares ou até mesmo em encontros que a ESF realiza em parceria com a equipe multiprofissional sabe-se que a prevenção de câncer do colo de útero através do diagnóstico precoce aumenta as chances em 80%. Sendo assim, a enfermagem tem papel fundamental nesse processo.

Dessa forma, torna-se evidente a necessidade de futuros estudos que possam esclarecer e desmistificar este exame de rotina para as mulheres e seus companheiros, principalmente aquelas que vivem em regiões mais afastadas de centros urbanos. E tornar este exame cada vez mais acessível para todas as mulheres, melhorando a qualidade de vida e a longevidade das mesmas.

Referências

- Andrade, S. S. C., Silva, F. M. C., Silva, M. S. S. E., Oliveira, S. H. S., Leite, K. N. S., & Sousa, M. J. de. (2013). Compreensão de usuárias de uma Unidade de Saúde da Família sobre o exame Papanicolaou. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(8), 2301–2310. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000800014>
- Azevedo, J. A. F., Silva, W. N. S., Rodrigues, B. H. X., & Holanda, V. R. (2020). Conhecimento, atitude e prática de trabalhadores rurais sobre prevenção do câncer de colo uterino. *Saúde e Pesquisa*, 3(4), 743-753.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS no 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: CNS, 2012.
- Brasil. Conselho Federal de Enfermagem. Parecer de Conselheiro Federal nº190/2015/COFEN. Brasília: COFEN, 2015. http://www.cofen.gov.br/parecer-de-relator-n-1902015_48415.html#:~:text=Art.,as%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20legais%20da%20profiss%C3%A3o.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. (2018). Guia Política Nacional de Atenção Básica – Módulo 1: Integração Atenção Básica e Vigilância em Saúde [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde.
- Dalazana, A. C., Laureano, B. A., & Batista, C. S. (2022). Fatores que influenciam as mulheres na não realização do exame citopatológico. Repositório Universitário da Ânima (RUNA). <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25789> .
- Dias, E. G., Faria, M. L. S., Fleury, A. T. S., Pereira, S. G., et al. (2018). Sentimentos vivenciados por mulheres frente à realização do exame Papanicolaou *J Health Sci Inst.*,36(4):256-260.
- Eduardo, K. G. T., Américo, C. F., Ferreira, E. R. M., Pinheiro, A. K. B., & Ximenes, L. B. (2007). Preparação da mulher para a realização do exame de Papanicolaou na perspectiva da qualidade. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20(1), 44–48. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000100008>
- Fernandes, N. F. S., Galvao, J. R., Assis, P. F. A., & Santos, A. M. (2019). Acesso ao exame citológico do colo do útero em região de saúde: mulheres invisíveis e corpos vulneráveis. *Caderno Saúde Pública*, 35(10), e00234618. doi.org/10.1590/0102-311X00234618.
- Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., & Fontelles, R. G. S. (2009). Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. *Revista paraense de medicina*. 23(3).

Instituto Vencer o Câncer. Câncer de colo de útero: o impacto de um tumor que pode ser evitado. Instituto vencer o câncer. 19 mar. 2020b. Recuperado de: <https://venceroancer.org.br/noticias-colo-uterino/cancer-de-colo-de-utero-o-impacto-de-um-tumor-que-pode-ser-evitado/>.

Jorge, R. J. B., Diógenes, M. A. R., Mendonça, F. A. da C., Sampaio, L. R. L., & Jorge Júnior, R. (2011). Exame Papanicolaou: sentimentos relatados por profissionais de enfermagem ao se submeterem a esse exame. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(5), 2443–2451. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500013>

Lopes, E. M. F., Ferreira, E. P., Carmo, V. J., & Moura, D. A. (2021). Projeto de intervenção para elevar a adesão ao exame citopatológico durante o internato em saúde coletiva. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(2), 4209-4222 <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-020>

Nóbrega, A. L., Souza, M. N. A., Souza, K. M. O., Rodrigues, A. C. F., & Oliveira, G. G. (2016) Importância da assistência de enfermagem na realização do exame citopatológico: um olhar bibliográfico. *Revista Tema em Saúde*, 16(2).

Noé, B. R., Trindade, F. R., & Dexheimer, G. M. (2018). Análise da periodicidade e da idade na realização do exame citopatológico cervicovaginal no Rio Grande do Sul. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 12(10), 104-120.

Meneghel, S. N., & Andrade, D. P. (2019). Conversas entre mulheres durante o exame citopatológico. *Saúde Soc.* 28(2), 174-186.

Moreira, A. S., & Andrade, E. G. S. (2018). A importância do exame papanicolau na saúde da mulher. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, 1(3), 67-71.

Ribeiro, T. A., & Cardoso, A. L. (2019). Resistência da mulher na **coleta** do papanicolau. *Rev. UNINGÁ*, 56(2), 107-111.

Rodrigues, L. G. L., Silva, L. K. L., Costa, M. C. R., Damascena, V. C., Pereira, R. R., et al. (2021) A importância do enfermeiro no cuidado à saúde da mulher: reflexões teóricas. *Debates interdisciplinares em saúde*. Recuperado de <https://www.periodicojs.com.br/index.php/easn/article/view/251/150>